

GUIA DA TIPOLOGIA DOS UFOs

© 2026 — Thiago Luiz Ticchetti

Guia da Tipologia dos UFOs

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustrações: Rafael Amorim e Thiago Luiz Ticchetti
Ilustração da capa: Rafael Amorim

ISBN 978-65-5727-224-4 — 2ª Edição - 2026

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Ticchetti, Thiago Luiz
Guia da Tipologia dos UFOs / Thiago Luiz Ticchetti. – 2ª ed. ; Limeira, SP: Conhecimento Editorial Ltda, 2026.
226 p.

ISBN: 978-65-5727-224-4

1. 2. I. Título
26-

CDD –

Índices para catálogo sistemático:
1. Ufologia

Thiago Luiz Ticchetti

GUIA DA TIPOLOGIA DOS
UFOs

2ª edição
2026



Sumário

Prefácio.....	9
Introdução	13
Capítulo 1	
Artefatos em forma de luz	25
Capítulo 2	
Artefatos de formato esférico.....	33
Capítulo 3	
Artefatos de formato discoide	50
Capítulo 4	
Artefatos de formato elíptico.....	78
Capítulo 5	
Artefatos de formato cilíndrico.....	94
Capítulo 6	
Artefatos de formato retangular	120
Capítulo 7	
Artefatos de formato triangular	125
Capítulo 8	
Artefatos de formato metamórficos	139
Capítulo 9	
Artefatos de formato quadrado	147
Capítulo 10	
Artefatos de formato cone	151
Capítulo 11	
Artefatos de formato losango	159
Artefatos de formato exótico	166
Posfácio	177
Medindo as Formas	177
Referências Bibliográficas	217
Sobre o Autor	220

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar este livro à minha esposa Mariana, aos meus filhos Luiz Guilherme e Marcela, à minha família e a todos que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui. Muito obrigado.

Thiago Luiz Ticchetti

Prefácio

Prefaciara uma obra é, antes de tudo, reconhecer sua importância e sua contribuição para o avanço do conhecimento. Por isso, escrever o prefácio desta segunda edição do Guia da Tipologia dos UFOs representa, para mim, uma grande honra. Mais do que apresentar um livro de inegável relevância para a ufologia contemporânea, tenho a satisfação de contribuir, mais uma vez, com o trabalho de Thiago Ticchetti, um grande amigo, parceiro de pesquisa e um pesquisador cuja dedicação, seriedade e compromisso com a ufologia sempre despertaram meu respeito e minha admiração.

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de acompanhar não apenas suas pesquisas, mas também a seriedade com que conduz cada investigação, sempre pautado pelo compromisso com as evidências, pelo respeito aos fatos e pela constante busca de respostas fundamentadas. Essa postura, cada vez mais rara em um campo frequentemente marcado por especulações e conclusões precipitadas, confere credibilidade ao seu trabalho e se reflete de maneira clara nesta obra.

Vivemos um momento singular na história da pesquisa sobre os UFOs. Após décadas em que o tema permaneceu restrito, em grande parte, ao interesse de pesquisadores independentes, assistimos hoje ao crescente envolvimento de governos, instituições militares, universidades e da própria comunidade científica na investigação dos chamados Fenômenos Anômalos Não Identificados (UAP). O momento atual evidencia a necessidade de estudos cada vez mais organizados, metodológicos e fundamentados em evidências.

Esse crescente interesse, entretanto, não surgiu de forma repentina. Ele é resultado de uma longa trajetória

construída por gerações de pesquisadores e testemunhas que, ao longo dos séculos, registraram acontecimentos que desafiaram as explicações convencionais. Desde os primórdios da civilização, o céu desperta fascínio, questionamentos e incontáveis relatos de fenômenos incomuns. Com o passar das décadas, a ufologia também evoluiu significativamente, deixando para trás grande parte das interpretações puramente especulativas para incorporar métodos mais rigorosos de documentação, comparação e análise das evidências.

Nesse contexto, a classificação dos UFOs assume um papel fundamental. Antes de buscarmos respostas sobre sua natureza, sua origem ou seus possíveis mecanismos de funcionamento, é indispensável compreender aquilo que efetivamente observamos. Organizar padrões, reconhecer características recorrentes, estabelecer critérios objetivos e desenvolver uma linguagem comum são etapas essenciais de qualquer investigação séria. Assim como ocorre nas demais áreas do conhecimento, a sistematização das informações não limita a pesquisa; ao contrário, amplia sua capacidade de produzir análises consistentes, permitindo que diferentes investigadores dialoguem sobre uma mesma base metodológica.

A construção de sistemas de classificação sempre representou um marco na evolução das diversas áreas do conhecimento. Da biologia à astronomia, organizar informações, estabelecer categorias e identificar padrões permitiu transformar observações dispersas em conhecimento estruturado. Na ufologia não é diferente. Desenvolver uma tipologia para os UFOs não significa enquadrar um fenômeno complexo em definições rígidas, mas criar parâmetros que tornem possível comparar ocorrências, reconhecer recorrências e aperfeiçoar os processos de investigação.

É justamente essa necessidade de organização que torna esta obra singular. Amparado por uma extensa pesquisa baseada em milhares de relatos ufológicos provenientes de diferentes partes do mundo, dos quais centenas forneceram informações suficientemente detalhadas para análises comparativas, Thiago Ticchetti revisita criticamente as primeiras tentativas de classificação desenvolvidas por programas oficiais, como o Projeto Sign e, posteriormente, o Projeto Blue Book, da Força Aérea dos Estados Unidos, além das propostas elaboradas por impor-

tantes pesquisadores, entre eles J. Allen Hynek e Jacques Vallée. Ao reconhecer as limitações desses modelos diante da extraordinária diversidade apresentada pela casuística mundial, o autor propõe uma tipologia clara, objetiva e metodologicamente consistente, resultado de anos de pesquisa, análise e dedicação ao estudo do fenômeno.

Essa diversidade torna-se evidente quando analisamos a casuística mundial. Embora o imaginário popular ainda associe o fenômeno quase exclusivamente aos tradicionais discos voadores, a realidade observada pelos pesquisadores revela um panorama muito mais amplo. Os tradicionais discos voadores representam apenas uma pequena parcela desse universo. Ao longo da história da ufologia, milhares de testemunhas, em diferentes países, culturas e épocas, descreveram objetos com formatos, dimensões, comportamentos e características extraordinariamente diversos. Esferas, triângulos, cilindros, bumerangues, estruturas multifacetadas e inúmeras outras configurações aparecem de forma recorrente em relatos provenientes de diferentes períodos históricos e regiões do planeta. Quando analisados de maneira organizada, esses registros revelam padrões que merecem atenção e investigação.

É justamente nesse ponto que esta obra demonstra sua maior importância. Longe de representar apenas um catálogo ilustrado, o Guia da Tipologia dos UFOs constitui um instrumento de pesquisa cuidadosamente elaborado, fruto de anos de levantamento documental, comparação de casos e análise criteriosa da casuística mundial. Sua organização permite identificar padrões, estabelecer referências e oferecer aos pesquisadores uma base sólida para estudos futuros.

Esta segunda edição representa muito mais do que uma atualização do conteúdo original. Ela reflete o amadurecimento de uma pesquisa construída ao longo dos anos e o compromisso contínuo de seu autor com a evolução da ufologia. Ao reunir informações de forma sistemática, acessível e tecnicamente organizada, Thiago Ticchetti disponibiliza ao leitor uma ferramenta de consulta que beneficia tanto pesquisadores experientes quanto aqueles que iniciam sua jornada na investigação do fenômeno.

O Guia da Tipologia dos UFOs – 2ª edição, não pretende encerrar debates nem oferecer respostas definitivas para um dos maiores mistérios da humanidade. Sua

contribuição é ainda mais valiosa: fornece uma linguagem comum, um referencial técnico e um instrumento de consulta que fortalece a pesquisa ufológica e estimula investigações cada vez mais consistentes.

Em uma época marcada pelo excesso de informações, pela rápida disseminação de conteúdo sem verificação e por interpretações frequentemente baseadas em convicções pessoais, obras fundamentadas em metodologia, organização e análise crítica tornam-se ainda mais necessárias. Conhecimento sólido não nasce de respostas prontas, mas da capacidade de observar, comparar, registrar e questionar com responsabilidade.

Thiago Ticchetti reafirma, nesta segunda edição, seu compromisso com uma ufologia séria, fundamentada na observação criteriosa, no pensamento crítico e no respeito às evidências. Seu trabalho representa uma importante contribuição para a construção de uma pesquisa cada vez mais madura, organizada e alinhada aos desafios que o estudo desse fenômeno impõe.

Que estas páginas despertem a curiosidade, incitem novas investigações e inspirem pesquisadores a continuar explorando esse fascinante campo do conhecimento com responsabilidade, equilíbrio e espírito científico. Pois, diante de um fenômeno que continua a desafiar nossa compreensão, o verdadeiro progresso não nasce da certeza absoluta, mas da disposição permanente para observar, questionar e aprender.

A verdadeira Ufologia não se sustenta em convicções, mas em evidências, responsabilidade e investigação contínua. E, enquanto houver perguntas sem resposta, sempre haverá razões para continuar investigando.

Fernanda Pires^[1]

[1] Fernanda Pires Diretora de Investigações Internacionais – MUFON Global; Coeditora, Revisora e Colunista da Revista FENÔMENOVNI; Fundadora do CIFE – Scientific Channel of UFO Phenomena & Space Research; Membro da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU); Integrante da ERT (Experiencer Resource Team) da MUFON, equipe especializada no acompanhamento de casos de abdução; Autora, Tradutora, Transcritora e Produtora de Documentários Internacionais

Introdução

A segunda edição desta obra chega uma década depois da primeira; e, nesse intervalo, muita coisa mudou. Novos casos vieram à tona, novas tecnologias de detecção surgiram e, principalmente, o próprio fenômeno ufológico passou a ser observado sob uma perspectiva mais ampla e sofisticada, inclusive com a criação – e descoberta – de programas oficiais do governo dos EUA para a pesquisa de UFOs; alguns que eram secretos.

A tipologia dos UFOs evoluiu: além da ampliação das formas já conhecidas, duas novas categorias foram incorporadas para melhor classificar os objetos observados. Também ganharam destaque mundial formatos antes inexistentes no imaginário popular, como o enigmático “Tic-Tac”, além dos já icônicos casos registrados pelos sensores militares norte-americanos, como os objetos conhecidos como “Gimbal” e “Go Fast”. Com isso, esta nova edição apresenta estatísticas atualizadas, análises revisadas e desenhos inéditos que refletem a complexidade crescente do fenômeno.

O já falecido J. Allen Hynek, consultor de astronomia da Força Aérea dos Estados Unidos para o Projeto Blue Book e fundador do *Center for UFO Studies* (CUFOS), declarou certa vez que o número de avistamentos de UFOs beirava o impossível. Uma pesquisa de opinião realizada pelo Instituto Gallup em 2011, nos Estados Unidos, revelou que 9% da população adulta do país — mais de 11 milhões de pessoas à época — afirmaram já ter visto um UFO. Extrapolando esses dados, o número de testemunhas ao longo das décadas ultrapassa facilmente a casa dos milhões, em todos os continentes, envolvendo militares, civis, cientistas e agentes da lei. Ainda assim, o receio do ridículo e da exposição pública continua sendo um dos principais

fatores que impedem muitas testemunhas de relatar suas experiências.

Com o aumento expressivo dos relatos, incluindo delatores militares, cientistas e agentes da inteligência dos EUA, também se consolidou uma enorme diversidade nas formas descritas. Ao contrário da imagem popular, que associa UFOs quase exclusivamente ao clássico disco voador, um objeto circular com cúpula superior, frequentemente retratado pela cultura hollywoodiana, a realidade observacional é muito mais complexa. Os chamados “discos diurnos” representam apenas uma pequena fração dos casos. A maior parte dos registros envolve aquilo que Hynek classificou como “luzes noturnas”: objetos luminosos, de diferentes cores e comportamentos, vistos isoladamente ou em formação.

Se todos os relatos descrevessem um único tipo de objeto, como aquele observado por Kenneth Arnold em 1947, talvez a conclusão fosse mais direta. No entanto, a ampla variedade de formatos, movimentos e características torna o fenômeno mais difícil de interpretar e, ao mesmo tempo, mais intrigante. Essa diversidade sugere não apenas múltiplas origens ou tecnologias, mas também levanta a hipótese de que a Terra possa funcionar como um ponto de passagem, uma espécie de rota ou escala dentro de um contexto maior ainda desconhecido.

Por outro lado, é fundamental considerar que uma parcela significativa dos avistamentos possui explicações convencionais. Aeronaves, balões, satélites, meteoros, aves, drones satélites (na maioria das vezes o *Starlink*) e fenômenos atmosféricos; além de fraudes cada vez mais elaboradas com o uso da inteligência artificial, respondem por grande parte dos registros. Além disso, o avanço constante da ciência tem revelado novos fenômenos naturais que, em muitos casos, podem esclarecer ocorrências antes classificadas como inexplicáveis. Ainda assim, permanece um núcleo consistente de casos que desafiam as explicações tradicionais; e é justamente sobre eles que esta nova edição se debruça, com mais dados, mais rigor e uma abordagem atualizada à altura do momento histórico que a ufologia atravessa.

O primeiro disco voador

No dia 24 de junho de 1947, o piloto Kenneth Arnold, natural de Boise, no estado norte-americano de Idaho, voava em seu avião, um Callair, próximo ao Monte Rainier, no estado norte-americano de Washington, quando viu nove objetos prateados voando a grande velocidade e refletindo a luz do Sol. Depois de pousar em Yakima, também em Washington, Arnold relatou o que tinha visto. Quando foi entrevistado pelo repórter Bill Bequette, da agência de notícias *Associated Press*, ele comparou o movimento dos objetos com o de pires deslizando pela superfície da água. O artigo de Bequette foi enviado para a redação por telefone e alguém escreveu o termo *flying saucers* [*Literalmente, pires voadores. O termo foi traduzido para o português como discos voadores*], e o resto, bem, o resto é história. Já a história sobre o que eram aquelas coisas é um assunto inteiramente diferente.

A partir disso, e quase que da noite para o dia, os discos voadores passaram para o imaginário público, e hoje tanto as crianças quanto os adultos do início do século XXI, sabem como um disco voador se parece. A imagem de uma espaçonave perfeitamente circular, giratória e elegante indubitavelmente está desenhada em nossas mentes. Mas existe um problema com essa imagem. Embora o que Arnold tenha visto naquele dia histórico permaneça inexplicável – e seu nome continue sendo o símbolo do termo disco voador – o que ele relatou não se parecia nem um pouco com o a imagem que se formou no inconsciente das pessoas. Os detalhes, em outras palavras, perderam-se nas manchetes.

O desenho de Arnold, anexado ao relatório feito três semanas depois do evento e endereçado ao Comando Geral da Base Aérea de Wright Field, no estado norte-americano de Ohio, mostra os objetos parecidos com discos, mas por outro lado também se assemelham a um cilindro voador. E Arnold também incluiu uma visão de cima dos objetos e eles não eram perfeitamente circulares. A melhor maneira de descrevê-los é como um arco, arredondado na frente, indicando a direção do voo. O seu tamanho foi estimado como sendo o de um avião DC-4.

Outras testemunhas também viram estranhos objetos nos céus de Washington naquele fatídico dia. Um empresá-

rio chamado Fred Johnson observou seis silenciosos discos a alguns quilômetros do Monte Rainier. Ele os descreveu como “*redondos, mas com caudas*”. Horas depois do avistamento de Arnold, dezenas de testemunhas viram uma luz azul e bolas de luz roxas perfazendo manobras acrobáticas sobre a cidade de Seattle. Discos voadores? Não exatamente.

O problema da observação humana

Como espécie, somos uma maravilha da evolução, com nossos enormes cérebros, visões binoculares coloridas e outros sofisticados refinamentos de percepção. Mas Aldous Huxley, escritor inglês, estava apenas metade certo quando se referiu a isso como *portas da percepção*. Entretanto, não somos tudo isso. Nós reconhecemos somente uma pequena quantidade de odores, ouvimos algumas poucas frequências e vemos uma limitada janela da vibração espectral de luz.

Enquanto a verdade está lá fora, pode ser que ela não seja verdadeiramente percebida. Sendo mais claro, os seres humanos são observadores imperfeitos por definição, ao mesmo tempo em que a observação humana constitui a maior evidência em favor do fenômeno ufológico. O que isso significa? Que nem tudo que reluz é ouro.

Quando focalizamos, por exemplo, um ponto distante de luz, um planeta ou uma estrela, eles parecem pular para frente e para trás, quando na verdade estão parados no mesmo lugar. Nossos olhos também nos pregam outros truques. Um objeto brilhante visto contra o céu escuro inevitavelmente parece maior do que é, e quando um objeto escuro é avistado em plena luz do dia, ele parece menor do que realmente é.

Vamos considerar algo bem familiar, como a Lua. A Lua cheia, quando próxima ao horizonte, parece ficar duas vezes maior do que quando está no meio do céu. A diferença aparente no tamanho se deve à cor e aos pontos de referência. Quando próxima ao horizonte, a Lua parece ser mais alaranjada e parece estar mais próxima em relação aos edifícios, torres, casas ou outros pontos. Olhando olhamos para cima, a Lua parece mais isolada e mais branca.

A perspectiva também influencia na percepção. Vamos pegar um exemplo simples. Um avião comercial visto

no céu, a um ângulo de 90° do observador, se parece com uma cruz ou sinal de soma. Visto por um ângulo diferente, ele pode se parecer mais com a letra X. Qual é a forma verdadeira? Na verdade, ambas são, apenas depende da posição do observador e ou de seu referencial.

Similarmente, é fácil ver como um clássico disco voador pode ser descrito como tendo a forma cilíndrica para algumas testemunhas, oval para outras ou como uma esfera perfeitamente redonda para um terceiro grupo de pessoas. Tudo depende da perspectiva. Mais uma vez, todas as formas são verdadeiras para a testemunha original. Infelizmente, para o ufólogo que tenta entender o fenômeno, o mesmo objeto poderá ter o formato triangular ou ser, na verdade, mais de um objeto. Obviamente, é a perspectiva do observador que muda e não o UFO em si.

Outro fator importante que determina a forma de um UFO é o seu comportamento. Existem relatos de objetos fazendo manobras incríveis. A velocidade é tão grande que eles tomam outra forma aos olhos das testemunhas. Ao mesmo tempo, ainda temos os relatos nos quais um objeto – a princípio de formato triangular – altera sua forma para quadrada ou até mesmo cilíndrica. Ponto de vista ou realmente uma tecnologia ultra avançada?

À parte de tudo isso, temos o aspecto humano, a individualidade de cada testemunha. Como *outsiders*, não temos como afirmar com absoluta certeza quando uma testemunha está dizendo a verdade sobre o que viu, se ela está exagerando nos efeitos, ainda que inconscientemente, ou se ela está realmente fabricando uma farsa.

Classificação e reclassificação

A maioria das tentativas de classificar o fenômeno ufológico tem sido baseada em aspectos gerais, tornando-se infrutífera quando direcionada a casos individuais e à habilidade de se fazer previsões sobre o próprio fenômeno. Tipicamente, essas publicações tendem a dividir os formatos dos UFOs em duas categorias. Os objetos são classificados quanto à sua forma ou seus apetrechos, como antenas, lemes, trens de pouso, janelas, domo etc. Raramente essas duas classificações estão em um mesmo estudo.

Tentativas anteriores de classificar os relatos de avistamento de UFOs baseadas no formato do objeto são

muito insuficientes. Por exemplo, a primeira análise oficial profunda sobre o assunto, dividiu o fenômeno em meras quatro categorias. No início da enxurrada de relatos pós-avistamento de Kenneth Arnold, a Força Aérea dos Estados Unidos criou o Projeto *Sign* para estudar alguns daqueles casos. Um ano após a sua criação, o projeto publicou um relatório com dados oriundos de 243 relatos domésticos e 30 estrangeiros. O projeto agrupou os objetos vistos em quatro categorias, classificando-os segundo a sua configuração:

1. Discos voadores, isto é, algo bem diferente das aeronaves da época

2. Corpos em forma de torpedo ou cilíndrico, sem asas ou lemes visíveis durante o voo

3. Objetos esféricos ou em forma de balão

4. Esferas de luz

A tentativa de classificação da Força Aérea ignorou quaisquer alterações no formato dos objetos que poderiam advir de uma situação de percepção (iluminação, ângulo etc.), duração de observação, de proximidade, e assim por diante. Sem dúvida, eles perceberam o erro em seus estudos, tendo em vista que em 1952 o projeto, renomeado *Blue Book*, expandiu para cinco itens de classificação definida, e um sexto para outros formatos de UFO, que não os anteriores:

1. Elípticos

2. Foguete e aeronave

3. Meteoro ou cometa

4. Lenticular, cônico ou lágrima

5. Chama

6. Outras formas.

Duas décadas depois, a situação não havia mudado muito. Em 1966, no segundo dos dois clássicos estudos científicos do fenômeno, *Challenge to Science: The UFO Enigma (Desafio para a Ciência: O Enigma UFO)*, de Jacques Vallée e de sua esposa Janine, ainda dividia os avistamentos ufológicos em quatro categorias básicas:

Tipo I: observação de um objeto incomum esférico, discoide ou de forma mais complexa ou próxima ao chão

Tipo II: observação de um objeto incomum de forma cilíndrica vertical, no céu, associado a uma nuvem difusa

Tipo III: observação de um objeto incomum esférico, discoide ou elíptico parado no céu

Tipo IV: observação de um objeto incomum movendo-se constantemente no céu, com acelerações, variações de cor ou rotação.

Vallée, posteriormente, refinou algumas de suas divisões. O Tipo II, por exemplo, foi dividido em Tipos IIA e IIB. O Tipo IIA são objetos cilíndricos verticais que se movem erráticamente no céu, enquanto o Tipo IIB “*permanece parado no céu e dá início a um segundo fenômeno*”. Infelizmente, esse tipo de categorização mistura gêneros. Enquanto os Tipos I, II, III se referem à forma (e em alguns casos, ao comportamento), o Tipo IV se refere somente ao comportamento. E se um categorizado no Tipo IV apresentar um movimento constante, por que não ter um Tipo V, que poderia comportar todos com essas atitudes? Além do mais, quase todos os casos que foram catalogados no Tipo II, objeto cilíndrico vertical no céu, estavam associados à onda ufológica francesa de 1954.

Uma nova tentativa de classificação ocorreu em 1972, com a publicação do livro *The UFO Experience: A Scientific Inquiry* (*A Experiência UFO: Uma Investigação Científica – Marlowe, 1972*), do astrônomo J. Allen Hynek. A proposta de Hynek, que envolvia seis categorias que davam em duas classes distintas, ganhou mais notoriedade devido à sua associação com o filme de Steven Spielberg, *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* [1977].

A primeira classe de Hynek é composta por luzes noturnas, discos diurnos e radar-visual. O problema com o sistema é claro: os UFOs foram definidos pelas circunstâncias individuais dos relatos ao invés de pelo fenômeno em si. Não existe uma forte razão para associar uma luz noturna a um caso de avistamento visual ou pelo radar. Além disso, a classificação de Hynek não abrange os objetos cilíndricos diurnos, esféricos e ovais, que são relatados em abundância.

A segunda classe foca nos contatos imediatos, que distinguidos entre si apenas pela interação do objeto com o meio ambiente. Dessa forma, o contato

de primeiro grau dizia “*sem interação do UFO com o meio ambiente ou seus observadores*”. O contato de segundo grau ocorre “*quando o UFO deixou evidências tangíveis*”, e o contato de terceiro grau “*quando são vistas criaturas animadas próximo ao UFO*”.

Misturando não dois gêneros, mas três – aparência, circunstância e proximidade – o sistema de classificação de Hynek resulta em contradições profundas. Por exemplo, Hynek considera o Caso Padre Gill um dos grandes eventos de contatos imediatos, porque figuras animadas foram vistas acenando de uma plataforma circular que sobrevoou Papua Nova Guiné por horas a fio. Devido à falta de uma evidência fotográfica, por exemplo, muitos não levam o caso a sério.

Em 1990 outro sistema de classificação dos UFOs foi apresentado, novamente por Jacques Vallée, em seu trabalho intitulado *Confrontations: A Scientist's Search for Alien Contact [Confrontações: A Procura de um Cientista pelo Contato Alienígena]*. Nele, Vallée publicou uma versão muito mais refinada e revisada de seu sistema anterior. As novas categorias consistiam em Anômalos (AN), Contatos Imediatos (CI), Manobras (M) e Sobrevoos (SV), cada um com cinco níveis de gravidade, sendo o nível 5 o mais grave. Mas os problemas persistiam. Na classificação de Vallée é possível, por exemplo, que uma testemunha seja morta por uma bola de luz, o que a classificaria em AN, de nível 5, mas que nos daria muito pouca informação sobre o fenômeno ufológico em si.

A Nova Classificação

Na primeira edição do livro “Guia da Tipologia dos UFOs”, lancei mão de uma pesquisa que durou cerca de dois anos para elaborar esta obra. Minhas referências foram livros, boletins, publicações, documentos, relatos, fotografias e filmagens. Durante o processo deparei-me com 2.315 casos de todo o mundo. Minha metodologia buscava identificar nestes 2.315 casos, as informações que eu precisava para conseguir criar um sistema de classificação.